

PREFÁCIO

FIRE COM OBRIGAÇÕES

Dama
de Ouros



WWW.DAMADEOUROS.COM

ÍNDICE DO LIVRO

PREFÁCIO 11

PARTE 1:

A TEORIA NECESSÁRIA

Importância de investir 23

Classes de ativos
disponíveis 25

O que são obrigações 33

Porquê obrigações? 37

Características
das obrigações 46

Riscos das obrigações 51

Tipos de obrigações 58

Rentabilidade esperada 65

Cálculo dos juros 66

PARTE 2:

COMO INVESTIR EM OBRIGAÇÕES

Certificados de aforro
e tesouro 79

Obrigações governamentais
de outros países 90

Obrigações empresariais 93

Fundos de obrigações 96

PARTE 3:

OBRIGAÇÕES NO PLANO FIRE

O que é o FIRE? 109

Regra dos 4% 113

Teoria do Portefólio
Moderno 115

Rebalanceamento 126

Escudo de retornos 129

Estabilidade
e volatilidade 132

Impostos 136

Incluir no plano 140

CONCLUSÃO 147

GLOSSÁRIO 151

PALAVRAS FINAIS 155

PREFÁCIO

Em 2019, descobri que existia forma de ganhar mais do que os 0,01% que me rendia o melhor depósito a prazo.

Cruzei-me com um novo mundo — dos ativos e juros compostos — e, depois de muita pesquisa e com muito entusiasmo, fiz o meu primeiro investimento. Passei de consumidora a investidora.

Com o livro *Pai Rico Pai Pobre*, a minha primeira leitura sobre investimentos, bem presente na minha cabeça, pude orgulhosamente constatar que estava finalmente do lado dos ricos. Ricos de acordo com a definição que Robert Kiyosaki transmite no seu *bestseller* mundial: não necessariamente por ter muito dinheiro, mas por ter o dinheiro a trabalhar para mim.

Dediquei meses a pesquisar e adquirir conhecimento, que culminaram num plano bem estruturado. Com tudo organizado, pude finalmente começar a investir. Mudei o paradigma e o modo de consumo: passei a comprar ativos, não passivos. Coloquei o dinheiro a trabalhar para mim, em vez de ficar parado na conta bancária. Passei a pagar-me primeiro e a definir objetivos financeiros com prazos tangíveis.

Que sensação boa!

E o melhor de tudo foi começar imediatamente a ver os efeitos dos investimentos. Em janeiro de 2020 estava a receber os primeiros juros. Apesar das pequenas oscilações diárias nos investimentos na bolsa de valores, ao fim de cada semana as variações eram sempre positivas. Na primeira semana, acumulava já 32 € de ganhos virtuais. No primeiro mês, já três dígitos. Quantos anos teria de esperar para ver resultados semelhantes

nos meus depósitos a prazo? Demasiados. Se calhar, mais do que a esperança média de vida atual.

Estava em êxtase. Todos os meses, assim que recebia o salário, enviava mais dinheiro para as diferentes plataformas de investimento. Contava os dias para o pagamento seguinte: não para gastar, mas para investir.

Com resultados tão positivos, até o meu namorado, completamente avesso ao risco e cético, ao ver o que se estava a passar comigo, começou também a investir. Não tinha como objetivo atingir o FIRE, mas, tal como eu, sempre foi poupado, e rapidamente percebeu que o custo de oportunidade de ficar de fora era demasiado grande para arriscar.

Assim se passaram os primeiros 4 meses. Uma mistura de entusiasmo para ver a evolução do portefólio — no mínimo, duas vezes por dia —, com a felicidade de cada fim de mês para poder investir novamente.

Entretanto, chega março de 2020.

Uma pandemia ameaça alastrar-se pelos continentes. O medo instala-se, o impacto das restrições é real e muitas empresas começam a fechar portas.

No dia 16, o mercado americano afunda 12%. A terceira maior queda diária da história.

Nesta altura tinha cerca de 5000 € investidos, o que significa que, num único dia, vi o meu saldo cair 600 €.

Foi aí que tive as minhas primeiras grandes lições. Fico feliz por terem surgido numa fase inicial, em que os valores investidos eram baixos e haveria ainda tempo suficiente para corrigir e adaptar o necessário, sem grandes danos.

LIÇÃO 1: A «almofadinha» (também conhecida como fundo de emergência) é mesmo muito importante.

Em situações de crise, podemos ser afetados de uma forma muito mais direta do que apenas a queda dos investimentos. Foi o meu caso: mais

impactante que esta queda na bolsa, no meu dia a dia, foi o facto de a minha empresa ter colocado todos os seus funcionários em *lay-off*. A situação em causa, uma pandemia que obrigava a quarentena, fez com que ficasse mais de um mês sem rendimentos, à espera do reembolso do valor devido pela Segurança Social.

LIÇÃO 2: Não vale a pena tentar adivinhar quedas de mercado.

O meu namorado tentou apanhar o mínimo do mercado para começar a investir. Escusado será dizer que... não acertou. O mercado caía a cada dia, e ele continuava à espera que atingisse o mínimo. Entretanto começou a subir, e ele continuou sem investir porque acreditava que era uma correção temporária e acabaria por descer outra vez. Isso nunca aconteceu, e ele acabou por desistir de tentar adivinhar.

Agora até brincamos com isto, porque ao longo dos últimos anos o problema tem sido comum e recorrente. Conheces a lei de Murphy? Se algo pode correr mal, vai correr mal. Escolhemos sempre a fila mais lenta no supermercado, o pão cai com a manteiga virada para o chão, o telemóvel cai de esquina e bate no canto desprotegido pela película. Nos investimentos mensais, a mesma coisa. Se esperamos porque temos expectativa que o mercado baixe, no dia seguinte sobe. Se, por outro lado, investimos imediatamente, no dia seguinte desce.

«Caiu, comprou. Comprou, caiu.» — B., a minha irmã

Claro que tudo isto é psicológico e ligado aos vieses comportamentais que temos, mas parece mesmo que a decisão tomada é sempre a errada.

Não vale a pena tentar contrariar a situação, por isso o melhor é mesmo aceitá-la com bom humor.

LIÇÃO 3: Confirmação do meu perfil de investidor.

Fiz toda a pesquisa, li dezenas de livros e sabia que as quedas e correções são normais. Desde 1950, houve 12 quedas superiores a 20% — uma a cada 6 anos. Se falarmos de correções (10 a 20% de queda), então a frequência é ainda maior: uma a cada 1,2 anos, nos últimos 50 anos. Estudei a teoria e estava, aparentemente, preparada para quedas na bolsa. A autoavaliação que tinha feito antes de começar dizia-me que o meu perfil de investidor era arriscado. Experimentando na pele os cenários utópicos aos quais tinha respondido anteriormente — Aguentarias ver uma queda de 30% nos teus investimentos? Se isto acontecer, o que farás? Vendes, manténs ou reforças? — percebi que conseguia, de facto, lidar bem com estas oscilações. Confirmei que o plano era resiliente e estava adequado ao meu perfil. Nem todas as pessoas reagiram da mesma forma! Muitas perceberam que estavam demasiado expostas a ativos voláteis, que isto poderia causar mal-estar e ansiedade, e tiveram de reajustar o seu plano.

LIÇÃO 4: Seria bom ter dinheiro disponível para investir.

As quedas na bolsa de valores podem ser vistas como saldos. Naquele dia fatídico de março de 2020, houve uma oportunidade fantástica de comprar os mesmos ativos que no dia anterior, com 12% de desconto. Dito desta forma parece irrecusável, certo? Infelizmente, não tinha dinheiro disponível para aproveitar. Como a crise afetou diretamente os meus rendimentos — *lay-off* e pagamentos da SS atrasados — tive nesta altura menos dinheiro disponível para investir do que o habitual. Não quer isto dizer que gostaria de ter uma reserva exclusiva para quedas: isso seria tentar adivinhar o comportamento do mercado, e a lição n.º 2 prova que esta é uma atividade infrutífera.

Qual a solução, então? Para aproveitar da melhor forma estas oscilações poderia ter, por exemplo, diferentes tipos de ativos para reequilibrar em função do comportamento de cada um.

A minha preocupação e interesse inicial por estes temas surgiu da insatisfação com as taxas de juro praticadas nos depósitos bancários. Identifiquei um problema, procurei soluções, e essa pesquisa trouxe-me algo ainda mais entusiasmante: o conceito FIRE — independência financeira e reforma antecipada. A minha motivação para poupar e investir passou a ser comprar tempo no futuro — reformar-me em 2030, com 37 anos.

Infelizmente, atravessamos um período difícil. Sei que, enquanto muitas pessoas podem ler este livro com a mesma perspetiva que a minha — otimização do plano FIRE —, para outras poderá ser uma tábua de salvação para as suas poupanças.

A independência financeira é um sonho. A rápida desvalorização da moeda é a realidade que vivemos hoje em dia.

A reforma antecipada é uma possibilidade. Encontrar uma solução para proteger as poupanças da inflação é uma obrigação.

PORQUÊ ESTE LIVRO? PORQUÊ AGORA?

O meu primeiro livro, *FIRE — O caminho para a independência financeira*, é o manual de introdução à organização financeira, com vista à liberdade e, possivelmente, reforma antecipada. Contém o passo a passo necessário para iniciar a jornada FIRE: desde a mentalidade e toda a teoria à elaboração de um plano concreto. No que concerne aos ativos disponíveis, este primeiro livro descreve sucintamente as opções que estão à nossa disposição.

Este segundo livro, que pretende ser o primeiro de uma coleção, aborda aprofundadamente um dos ativos que podemos usar a nosso favor para construir a nossa independência financeira: obrigações e títulos de dívida.

Decidi começar por este ativo porque acredito que é o que terá mais impacto na população portuguesa. Na nossa cultura, nascemos e crescemos com aversão ao risco, e a resistência à mudança é inerente a todos nós. O desconhecido é desconfortável. Por isso, se este é o ativo que os portugueses preferem, então este é o tema mais urgente.

Os certificados de aforro e do tesouro são os produtos de investimentos preferidos dos portugueses. Segundo dados do Banco de Portugal, em 2023 bateram-se todos os recordes existentes, por uma margem que não deixa dúvidas.

Em 2019, as subscrições médias mensais foram de 12 milhões de euros, em 2020, de 16,6 milhões e em 2021, de 20,7 milhões. Em 2022, com a subida da Euribor, arrancou também a corrida aos certificados: 596 milhões de euros por mês, totalizando 7 156 milhões adicionados aos cofres do Estado.

Em apenas 4 meses de 2023, o investimento em certificados de aforro totalizou 10 698 milhões de euros, uma média de 2 674 milhões de euros mensais. Isto significa 89 milhões de euros... por dia!
Não queria começar assim com tantos números, mas estes dados deixaram-me mesmo surpresa. Uma coisa é saber que são um produto popular, outra é ver números concretos.

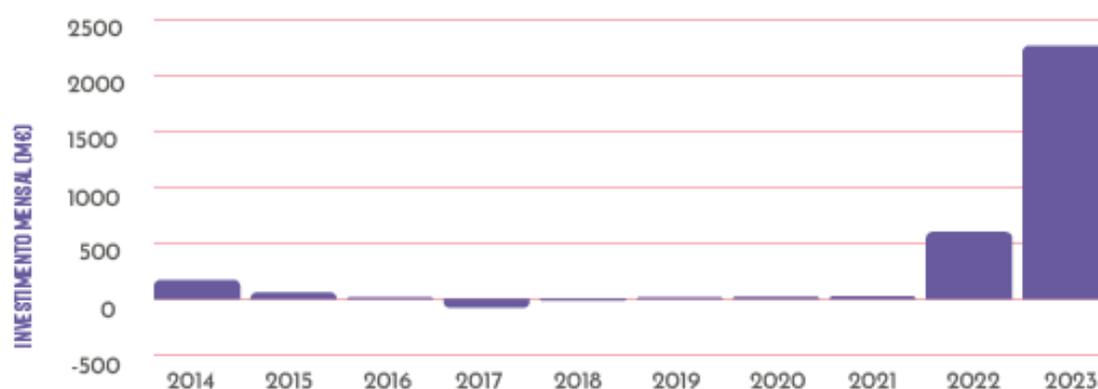


Figura 1. Média mensal de investimento em certificados de aforro (dados até 30 de junho de 2023).

No final de maio de 2023, os portugueses tinham 45 mil milhões de euros em títulos de dívida do Estado (70% em certificados de aforro e 30% em certificados do tesouro). Uma média de 4 381 € por pessoa.

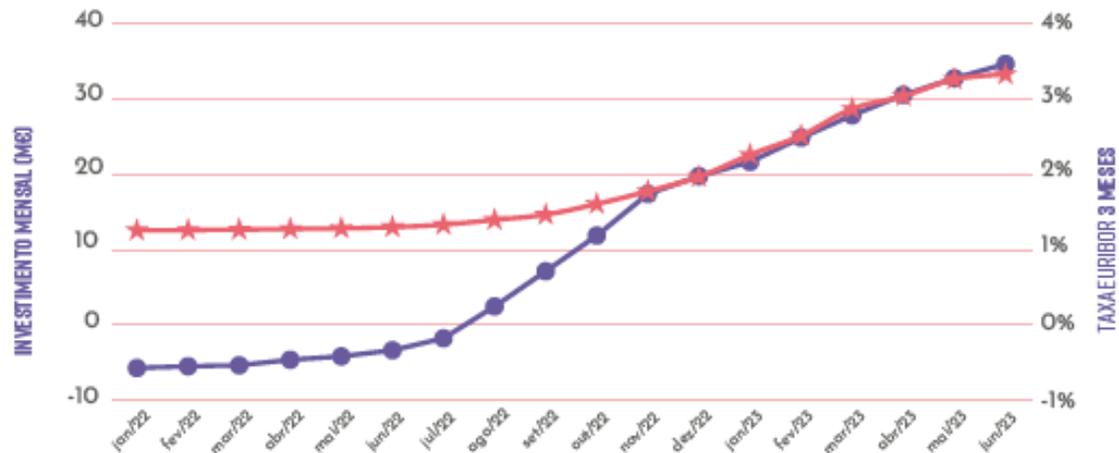


Figura 2. Valores acumulados em certificados de aforro e taxa de Euribor a 3 meses, de janeiro de 2022 a junho de 2023.

A preocupação com a inflação e a subida da Euribor, à qual está indexado o juro dos certificados de aforro, fizeram com que o investimento em títulos de dívida do Estado português aumentasse, no terceiro trimestre de 2022, 40,5% em relação ao mesmo período no ano anterior. Se compararmos o terceiro trimestre de 2023 com o período homólogo de 2022, o aumento nas subscrições é de 5885%.

Mesmo em junho, com o lançamento da nova série F — com condições piores do que as anteriores — o investimento mensal superou a média anual de 2022, já essa elevadíssima.

Mas será que esta é a única forma de investir em títulos de dívida?
Não, de todo.

A primeira parte do livro apresenta uma visão geral do que são obrigações, tipos que existem e características desta classe de ativos. Pretende construir as bases teóricas para que possamos tomar decisões conscientes e informadas.

Na segunda parte, faz-se a ligação da teoria à prática do investimento em obrigações e títulos de dívida nacionais, internacionais, corporativas e governamentais. Diretamente, numa obrigação específica, e de forma diversificada, através de ETF.

A terceira parte une toda esta informação ao movimento FIRE: o papel das obrigações na reforma antecipada e as vantagens e desvantagens de as ter no portefólio.

Este livro é para quem quer preservar o seu capital. E é também para os que, como eu, aceitam ter o dinheiro a trabalhar para si de uma forma mais agressiva, mas querem **adicionar uma rede de segurança e otimizar o seu portefólio.**

Os tempos estão difíceis e o futuro é incerto. Cabe-nos fazer o que está ao nosso alcance para controlar o que pode ser controlado e melhorar o que tem margem de progressão. Espero que este livro ajude.

«Ao falhar a preparação, preparamo-nos para falhar.»

Benjamin Franklin

